

O Progresso Catholico

... sequor autem, si que modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*Approvações e Indulgencias*—*Pastoraes de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo do Funchal.*—*A Egreja e o Pontificado*, por J. C. de Faria e Castro.—*Secção Religiosa: A santificação dos domingos e dias santos*, carta Pastoral do Ex.º e Rev.º Snr. Bispo d'Angra.—*Secção Historica: Uma pagina da Historia popular dos Papas.*—*Secção Critica: Lérias, snr. Joaquim Martins de Carvalho*, por F. L. Rego.—*Secção Litteraria: Consolatrix afflictorum*, poesia, por Manuel Vaz; *A Virgem das Dores (Lenda)*, por Marianna Xavier da Silva.—*Secção Illustrada: I, O Anjo da Guarda; II, Uma scena de barbarismo de ha dezoito seculos, repetida hoje mui frequentemente*, por R.—*Secção Necrologica.*—*Retrospecto da Quinzena*, por J. de Freitas.—*Secção Bibliographica*, por A. Moreira Bello.

APPROVAÇÕES E INDULGENCIAS

VINTE E CINCO POR CENTO! AOS CEM DISPARATES DOS PROTESTANTES,
VINTE E CINCO RESPOSTAS SEM REPLICCA

O MEZ DE OUTUBRO CONSAGRADO A NOSSA SENHORA DO ROZARIO

CHORO

Pastoraes de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo do Funchal
approvando, recommendando e indulgenciando estas obras

O CENTRO DE PROPAGANDA CATHOLICA de Guimarães, acaba de fazer uma nova edição do precioso opusculo intitulado—VINTE E CINCO POR CENTO! AOS CEM DISPARATES DOS PROTESTANTES, VINTE E CINCO RESPOSTAS SEM REPLICCA POR UM QUE LEU A BIBLIA; escripto pelo distincto e saudoso Padre Carlos Rademaker, que Deus haja.

Achamos de muita vantagem a leitura d'este bello livrinho, com o qual se responde triumphantemente ás accusações mais triviaes que os protestantes nos fazem. E como infelizmente entre nós a seita procura fazer adeptos e não poupa dinheiro e embustes para illudir os pobres, que assim arrasta á perdição, recommendamos muito esta leitura e desejamos que em todas as escolas se ponha o bom livro nas mãos dos meninos para os prevenir contra as mentiras e seduccões dos falsos apóstolos.

Do coração abençoamos quantos fizerem essa leitura com a boa e recta intenção de se livrarem do erro.

Funchal 27 de Outubro de 1886.

✠ *Manuel, Bispo do Funchal.*

Um outro livro, muito apreciavel tambem, foi editado pela mesma casa, a saber—O MEZ DE OUTUBRO, CONSAGRADO A NOSSA SENHORA DO ROZARIO, traducção do presbytero Manuel Francisco dos Santos Peixoto, o qual muito deverá contribuir para afervorar a devoção a Maria Santissima. Não é necessario encarecer já a utilidade, o encanto, a obrigação das preces do Rozario. O Summo Pontifice, gloriosamente reinante, as vem recommendando desde ha annos; os bons feis as fazem regularmente e cada qual terá experimentado as doçuras celestes de uma tal pratica.

O livro acima citado será um excellente directorio a seguir, o qual não só recommendamos, mas indulgenciamos segundo nossas Faculdades.

Funchal 27 de Outubro de 1886.

✠ *Manuel, Bispo do Funchal.*

Veja-se na capa os annuncios d'estas duas obras.

GUIMARÃES 28 DE FEVEREIRO DE 1887

A Igreja e o Pontificado

SUAS SAGRADAS ORIGENS

(Para saudar as datas:—20 de fevereiro e 2 de março—aquella o anniversario da Exaltação de S. Santidade o Papa Leão XIII ao throno Pontificio, e esta o seu anniversario Natalicio).

Cœlum, et terra transibunt, verba autem mea non prateribunt:

«Passará o Ceu, e a terra, mas não passarão as minhas palavras.»

S. Mathews, cap. xxiv, v. 35.

Salvé, Igreja de Jesus Christo, nossa adorável Mãe!
Salvé, Pontífice Romano, Chefe Supremo da Igreja!

* * *

PARA continuar a Sua Divina Obra, Jesus Christo havia deixado ao todo cento e vinte Discipulos em Jerusalem ao redor de Sua Mãe.

Era o pequenino grão de mostarda: este grão ia germinar; e d'elle havia de sair a immensa arvore abrigando debaixo dos seus ramos toda a humanidade civilisada,—quer dizer a Igreja: até o nome indica o sentido generosissimo da Divina Instituição!

A Igreja era nas antigas cidades gregas a reunião do povo ao redor da tribuna publica para ahi discutir os interesses communs: o principal interesse da Igreja christã, era annunciar e assegurar a união dos fieis com Deus, era preparar a Bemaventurança da vida futura.

Antes da morte do Redemptor, dois actos solemnes haviam estabelecido a Igreja christã: O Sermão da montanha havia fundado a sociedade christã por meio de estreitos laços entre Deus e a humanidade; e no dia da Géa do Senhor, no Cenaculo, Jesus prégando aos Apostolos o sermão do Lavapés estabelecia a Igreja como a herdeira do espirito e da auctoridade divina de Jesus Christo.

Após a Resurreição, a Igreja christã é ainda mais uma vez solemnemente estabelecida com aquelles adeuses supremos do Mestre a seus Discipulos:

E estaes certos de que eu estou convosco todos os dias, até a consummação dos seculos.

Porque onde se acham dois ou tres congregados em meu nome, ahi estou eu no meio d'elles.

Os preceitos de Christo a seus Discipulos tinham n'este particular, um duplo fim: primeiramente, constituir n'elles e por elles o modelo da grande sociedade christã da qual todos os membros fôssem irmãos unidos pela caridade; e em segundo logar, organizar acima da sociedade geral dos fieis uma pe-

quena sociedade de serviçaes immediatos de Deus que, para consagrar-se ao serviço da grande familia, abandonassem sua familia, haveres e casa, assim como o Senhor o havia ordenado a Simão-Pedro. Quem não vê claramente n'este facto a Instituição Divina da Igreja como Auctoridade Sacerdotal, Auctoridade divina, pois que o Mestre disse aos seus Apostolos:

Quem vos despreza despreza-me, e quem me despreza, despreza Aquelle que me mandou.

* * *

Logo que a Igreja se annunciava como a sociedade dos fieis diffundidos por toda a terra, era importante pôr-se a interpretação das Escripturas Sagradas ao abrigo das transformações que podia n'ellas introduzir a diversidade de tantos povos diferentes de raça, de lingua, de instituições e de clima; uma poderosa unidade no sacerdocio era, portanto, a condição vital do catholicismo, e esta unidade consummava-se na pessoa de S. Pedro, Bispo de Roma, reconhecido como Soberano Pontífice.

Além d'isso a unidade da theocracia moysaica reproduzia-se n'esta constituição monarchica da Igreja.

Para ficar ao abrigo de toda a disputa humana, a Auctoridade Suprema ficava o Privilegio de Deus, de Deus só, que offerece na sua Bondade a garantia de todos os direitos, na sua Omnipotencia, a sanção da lei.

Abaixo de Deus, a Igreja não admitte senão os poderes delegados: S. Pedro não tinha outro titulo senão o de Vigário de Deus entre os homens.

S. Pedro havia fundado as Igrejas de Jerusalem e de Antioquia; S. Paulo havia evangelisado a Asia-Menor e a Grecia; e ao depois achando-se os dois apostolos reunidos em Roma, ahi assestaram com o seu sangue a religião nova. Foi assim como Roma mereceu a vir a ser a capital do mundo christão.

Renovando e applicando ás coisas do espirito e do coração a celebre-palavra de Annibal e de Mithridates, o christianismo atacava o mundo pagão em Roma mesmo: em face do throno de Jupiter do Capitolio, elle estabelecia a cadeira de S. Pedro e prégava as mais austeras virtudes, no proprio coração da mais seductora depravação.

A Auctoridade de Pedro é proclamada desde logo por S. Paulo, e os monumentos os mais antigos das edades primitivas d'ella fazem fé com a escolha dos attributos dados aos dois personagens quando se acham juntos.

Desde o 1.º seculo, a Auctoridade e a Supremacia transmittida por S. Pedro ao Bispo de Roma foram reconhecidas, porquanto, em vida do proprio S. João, fôra ao 3.º Successor de S. Pedro que

a Igreja de Corinthio se dirigiu para apaziguar as dissensões intestinas que a perturbavam.

Emfim, uma das provas das mais antigas da constituição monarchica da Igreja é uma imagem primitiva que se achou nas Catacumbas: ella representa Moyses fazendo jorrar a agua do rochedo; mas este Moyses traz o habito tradicional dos Papas, e é chamado *Petrus*. E', portanto, este Moyses, o symbolo do Bispo de Roma, guia e preceptor do povo christão.

* * *

O Bispo de Roma mostrou-se desde os 1.ºs seculos o herdeiro intelligente do espirito politico particular à capital do mundo: perseverança e grandeza, bom senso pratico e dignidade moral.

A estes elementos moraes de dominação, a Igreja accrescentava um poder superior ao poder da espada,—a Palavra.

Ella buscava a salvação do genero humano pela persuasão, não pela força, por via do sacrificio e não por via da sedição; ella toma por auxiliares a razão e o tempo, dois alliados que se não despresam nunca impunemente.

Os povos achavam-se secretamente inquietos com esses problemas cujo estuado é a honra e o tormento da razão humana: a vida, a morte, a eternidade; a Igreja resolvia estas questões temiveis e urgentes, em nome do Deus Todo Poderoso. Ella fazia repetir aos neophyts os canticos imitados dos psalms onde se pôde admirar esta sublime confissão:

Senhor, os meus pensamentos não podem escapar ao teu pensamento; tu conheces todos os caminhos por onde eu queira fugir.—Se eu vou aos ceus, tu ahi resides; se eu descer aos infernos, ahi te acho presente... Se eu me intéro nas trevas, tu ahi me descobres... Não ha logar algum onde deixe de tocar-me a tua mão.

Para associar-se ao arrependimento do culpado e dar-lhe animo, a disciplina da Igreja recommendava ao sacerdote o jejuar com o penitente,

Porque se não pôde levantar o que caiu, senão curvando-se para elle.

Na disciplina da Igreja havia as doçuras particulares para os fracos e os pequenos:

Quando a vós se dirigirem os escravos, não os carregueis de tantos jejuns como aos ricos: impor-lhe-heis tão sómente a metade da pena.

Desde o fim do 1.º seculo a ordem, a obediencia, a jerarchia são a vida propria da Igreja:

Os grandes não podem existir sem os pequenos, nem os pequenos sem os grandes. Em tudo ha mesccla de elementos diversos, e é graças a esta mesccla que

tudo marcha. Tomemos por exemplo o nosso corpo... os mais pequenos dos nossos órgãos são necessários e servem ao corpo inteiro: todos obedecem a um mesmo principio de subordinação para a conservação do todo.

* * *

Eis aqui como, desde a sua Instituição, a Igreja tem sido a Razão e a Consciencia mesma da humanidade civilisada; eis aqui porque a Igreja é merecedora de ser venerada como a Mãe e a Nutriz do mundo moderno.

A sua Historia é a Historia mesma da civilisação, Historia fecunda em ensinões dignos de ser acceites e meditados.

Salvé pois, Igreja de Jesus Christo, nossa adoravel Mãe!

Salvé, Pontífice Romano, Chefe Supremo da Igreja!

Salvé!...

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO RELIGIOSA

A santificação dos domingos e dias santos

Carta Pastoral de S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Bispo d'Angra

(Continuado do n.º 6)

MAS, sobre tudo, o que a este respeito é mais de admirar, e o que deixa ver claramente até que ponto se julgava obrigada na antiga Lei a santificação do sabbado, é o seguinte facto, que nos expõe a Santa Biblia no Livro 1.º dos Machabeus (1): Attendei, amados Filhos no Senhor, porque elle merece toda a attenção, e só é capaz de confundir o vosso pouco zelo na santificação dos domingos e dias santos: «*Acommettendo o Rei Antiocho os habitantes de Jerusalem em um sabbado, estes, por não mancharem o dia do Senhor, nem lhes corresponderam nem lhes atiraram uma pedra, nem ao menos se fecharam nas fortalezas, dizendo:—morreremos todos em a nossa innocencia, e os Ceos e a terra nos serão testemunhas, de que somos destruidos injustamente. E com effeito preferiram o deixarem-se matar elles, as suas mulheres, os seus filhos, os seus gados, sendo a mortandade de mil individuos!!!*

IV

Depois disto, amados Filhos, é escusado dizer-vos mais nada sobre a importancia d'este preceito e sobre o rigor por que elle era cumprido na anti-

ga Lei. «E será de menor importancia a santificação dos domingos e dias santos da Lei da Graça?... Pouco nos demoraremos n'este assumpto, porque a differença para mais é tão saliente, que nem precisa explicar-se: «Pelo lado da natureza teremos nós agora menos necessidade de descanso?... Pelo contrario: Os homens n'esses tempos antigos eram gigantes (2); as suas vidas contavão-se por seculos e a natureza estava toda enlão no maior vigor da sua mocidade, para assim o dizermos! Hoje a constituição humana acha-se eivada de doenças e podridão hereditaria; passou a epocha dos homens vestidos de ferro, a sua raça tem-se tornado de pygmeus e a vida humana já difficulosamente chega á epocha em que os antigos Patriarchas se julgavão no principio de sua mocidade, para procurarem esposa (3). Felizmente, graças á Providencia do nosso bom Deus, as forças da natureza teem vindo substituir as debilitadas forças do homem degenerado, e hoje o mesmo homem já não domina senão pela intelligencia, porque os elementos lhe prestão as forças necessarias, ás quaes pouco mais faz que communicar a intelligencia, que a materia não tem! Mas, se não fosse o machinismo, o homem debilitado e deffinhado logo no seu nascimento, não seria sufficiente para tirar os meios da sua subsistencia de uma terra que tão exausta e esteril se acha, que parece estar tambem na sua ultima decrepitude! Por este lado pois é evidente que a santificação dos domingos e dias santos por meio de repouso é muito mais necessaria que na antiga Lei.

E, pelo lado da religião, os motivos de guardarmos os domingos e dias santos são tambem muito mais poderosos do que na antiga Lei erão os de guardar o sabbado e mais festividades. O sabbado era celebrado e santificado tambem por ser o dia do descanso do Senhor depois da criação do Univerço (4); o domingo, alem d'este motivo, é celebrado pelos Christãos em memoria da resurreição do Homem Deus; porque nesse dia Jesus Christo, nosso Salvador, descansou igualmente de uma nova criação, mais admiravel ainda que a primeira, e mais proveitosa para os homens—a redempção do genero humano (5). No domingo, alem disto, appareceu Jesus resuscitado por vezes aos Apostolos (6); em um domingo descêo o Espirito Santo sobre os mesmos Apostolos; em um domingo finalmente foi inspirado a S. João Evangelista o seu Apocaly-

psc (7), este Livro tão mysterioso, que encerra seguramente os destinos do mundo até ao fim da sua duração! Com razão pois a santificação do sabbado foi passada para domingo desde o tempo dos Apostolos (8), e autorisada pela tradição constante e Leis ecclesiasticas (9); chamando-se a este dia—domingo, isto é—dia do Senhor; porque foi n'elle com effeito que o mesmo Senhor fez as maiores maravilhas em favor do homem!...

Em quanto ás outras festividades e dias santos:—não celebramos já nesses dias a passagem do mar vermelho a pé enchuto (4), nem a festa dos tabernaculos (5), nem a do recolhimento dos fructos, (6), nem uma victoria (7), nem a dedicação d'um altar puramente material (8), como na antiga Lei; mas sim a passagem da escravidão do demonio para filhos de Deus (9) celebramos a dedicação dos tabernaculos e altares em que habita o Deus vivo, que os céus e a terra não teem capacidade sufficiente para conter (10); não celebramos, como antigamente, as colheitas, mas um pão vivo, um manjar celestial que é dado aos homens em alimento espiritual (11); não celebramos uma victoria dos exercitos mundanos, mas a victoria alcançada pelo Auctor da vida contra as phalanges infernaes (12); celebramos finalmente, não as imagens do antigo Testamento, mas a realidade da nossa Redempção e dos seus mysterios (13), a vida mortal de Jesus e de Sua Santissima Mãe, as façanhas e feitos dos heróes do Christianismo, que não duvidaram derramar o seu sangue por esta Religião celeste, e que perante o throno do Omnipotente servem de mediadores entre o homem peccador e um Deus justiciero (14); tendo uma grande parte dos dias santos sido instituidos pelos proprios povos, como uma necessidade, para descansarem do trabalho violento a que erão obrigados pelos antigos senhores feudaes.

E á vista de tudo isto, amados Filhos, não obrigará mais o preceito da santificação dos domingos e dias san-

(1) Gen. VI, 4.

(2) Gen. V, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 25 a 31.

(3) Gen. II, 3.

(4) Math. XXVIII, 1 e seg.

(5) Joa. XX, 19 e 26.

(1) Apoc. I, 10.

(2) Act. XX, 7 e I Cor. XVI, 2.

(3) C. I, X, De fer. (2, 9) e C. XIII Dist. III De cons.

(4) Deut. XVI, 1.

(5) Deut. ibid. 13.

(6) Exod. XXIII, 16.

(7) Jud. XVI. 31. II Mac. XV, 36 e 37.

(8) I Mac. IV, 59.

(9) Rom. VIII, 15.

(10) Math. XXVIII, 20.

(11) Joa. VI, 51 e seg.

(12) I Cor. XV, 57.

(13) Act. XX, 16,—Dist. XII c. 17.

(14) Dist. III De cons. c. 1.º; e 5.º X De fer. (2, 9).

(1) II, 34 e seg.

tos aos Christãos, do que obrigava o do sabbado ao Povo do Senhor?... Mas se assim é, quanto é grave este preceito e quanto é funesto o peccado d'aquelles que o não observão, quando já na antiga Lei era punida ainda a mais leve falta a tal respeito com a pena de morte?!...

V

Sendo pois o trabalho nos domingos e dias santos um peccado gravissimo, quanto grande é a loucura d'aquelles que julgão—que por um meio tão illicito hão de alcançar algum bem! Confiados também em si e nas cousas mundanas... Desgraçada cegueiral! Não é acaso o Senhor, que nos creou e conserva, quem nos dá a vida, e que nos enriquece com todos os bens que possuímos?... Não é elle quem nos dá os olhos para vermos, os pés para andarmos e as mãos para trabalharmos? (1) Não poderia qualquer de vós, que trabalhaes ao domingo e dia santo, ser cego, coxo, aleijado, doente, paralytico, ou ter morrido?... E assim como é o Senhor que nos dá a saúde e a vida, não é elle também quem nos dá os bens externos? Não é elle quem varia as estações para recreio e utilidade do homem? Quem veste as arvores e os campos de flores na primavera?

Quem reanima as cecaras com a chuva, quem as secca com o calor, e quem enriquece os nossos campos de abundantes fructos? E não é este o mesmo Senhor que submergiu já toda a terra n'um diluvio (2), que tornou as nuvens estereis por tres annos e meio (3), que tem permittido esterilidades por sete annos continuos? (4) Não é este o mesmo Senhor que mandou as sete pragas ao Egypto, e que até aos nossos dias manda legiões innumeraveis de insectos, que destroem os nossos fructos e

seccão as nossas arvores? Não é acaso o mesmo Senhor que encadeia os ventos desenfreados, que dispõe as tempestades, e que fulmina com sua mão divina o raio, cuja força excede toda a força creada?

E será possível que elle abençoe e fructifique o vosso trabalho, quando com a mais feia ingratidão abusais dos mesmos dons que Elle vos concede para transgredirdes a sua Lei tão suave, que tem por fim o vosso proprio bem estar?... tranhos a comerão». O Propheta Amós fa-

la no mesmo sentido (1): «Edificareis casas de pedra quadrada e não habitareis n'ellas; plantareis vinhas muito estimadas e não bebereis vinho d'ellas.» Mas sobre tudo é o Propheta Micheas quem fala mais explicitamente (2); eis como elle se exprime a respeito d'aquelles que, afastando-se dos preceitos do Senhor, pretendem alcançar os fructos da terra: «Tu semearás e não tecegarás; espremerás a azeitona e não te untarás com o azeite, e as uvas e não beberás o vinho!»...

E em vista de tão graves testemunhos, porque não acreditaremos nós, que a escassez das colheitas, a falta de chuva quando os fructos a precisão, as tempestades que destroem os campos, as nuvens de insectos que devorão as arvores, e immensos outros flagellos, que nos affligem não são um effeito do vosso peccado, não são a colheita que recebeis do vosso trabalho nos domingos e dias santificados?...

Mas parecer-vos-ha muitas vezes que o Senhor julga sua misericordia não amaldiçoa os vossos trabalhos illicitos, e que d'elles tirais tão bons resultados como dos outros! E Nós não duvidamos que isto muitas vezes succeda; mas é um novo motivo de cuidado e afflictção por vós, amados Filhos; porque não é isso um signal

de que o Senhor perdoará e desculpará o vosso peccado, como vós talvez julgueis. Não, não; é pelo contrario! E' um signal de que Deus vos tem abandonado; porque, segundo nos assevera a Sabedoria (3) «o Senhor, aquelles a quem castiga é os que ama,» (4) «e somos corrigidos pelo Senhor para que não sejamos condemnados com este mundo» (5) «por isso mesmo que a correção é um signal de nos considerar o Senhor como seus filhos» (6). Temei pois



O ANJO DA GUARDA

(1) Eccli. XI, 14.
(2) Gen. XIX, 20.
(3) Ep. cath. V, 17.
(4) Gen. XLI, 54.

(1) Prov. XIV, 34.
(2) LX, 4 e seg.
(3) VIII, 7.

(1) V, 11.
(2) VI, 15.
(3) Prov. III, 12.
(4) Tob. XII, 13.
(5) I Cort. XI, 32.
(6) Hebr. XII, 7.

d'esta apparente e illusoria felicidade!!... Lembrai-vos, amados Filhos—que o reino dos céos é a partilha dos pobres, dos que chorão, dos que teem fome, e dos que teem sua consciencia pura (1); em uma palavra—dos infelizes, que soffrem os revezes da fortuna d'esta vida mortal (2). «Não queiraes amontoar as riquezas d'este mundo, onde a ferrugem e a traça tudo destroem, e onde os ladrões tudo arrombam e furtão; fazei antes o vosso thesouro no céo, onde tudo é estavel e seguro» (3). Porquanto, amados Filhos, de que vos aproveitará o lucrar todas as riquezas d'este mundo, se com isso perdeis a vossa alma?... Ha por ventura cousa que se possa comparar com ella, ou por que ella, se possa trocar?!... (4)

Julgamos pois, que vos temos dito quanto é sufficiente para vos mostrar—que os vossos trabalhos illicitos nos domingos e dias santos, longe de vos tornarem mais ricos e mais felizes, vos tornam mais pobres e desgraçados n'esta mesma vida, sendo ainda mais para lastimar a sorte d'aquelles a quem isto assim não succede; e confiamos na graça do Senhor, que vós, desenganados da vossa extrema loucura, não continuareis a commetter um peccado, que, não tendo outro resultado senão a vossa mortificação n'esta vida, vos causará a condemnação eterna!

VI

Só nos resta agora, como Pai, que igualmente se interessa pela vossa felicidade eterna e temporal, dirigir-vos de modo que, tornando suave o trabalho d'esta vida mortal, o torneis mais productivo e effcaz para a felicidade presente e futura. Trabalhai, amados filhos, trabalhai com diligencia nos dias proprios do trabalho; porque o trabalho é a herança que nos deixaram nossos pais; trabalhai (5), porque o trabalho é a maior fonte de riquezas, e o direito talvez mais sagrado que vos assiste; mas os vossos trabalhos e fadigas sejam sempre no Senhor e na conformidade dos seus preceitos; procurai primeiro que tudo que elle os abençoe e prospere; porque isto vos valerá mais que todas as vossas diligencias. Ouvi o que diz a este respeito o Propheta Rei (6): «Se o Senhor não edificar a casa, debalde trabalharão os que a edificão; se o Senhor não guardar a cidade, de-

balde vigião os que a guardão. E' escusado levantar-vos antes da manhã; levantai-vos sim depois de terdes descansado, ó vós que comeis um pão de dôr». Aquelles que temem o Senhor e n'elle confião tudo lhes vai bem, ainda que algumas vezes o não pareça (7). «O que o semeia com bençãos, recolherá com bençãos,» diz o Apostolo das Gentes (8); pelo contrario: «o impio torna a sua obra instavel» (9). Lembrai-vos, amados filhos, que «os bens e os males, a vida e a morte, a pobreza, e a honestidade tudo nos vem de Deus» (4), e ainda que não vejais prosperar o vosso trabalho, como desejaveis, nem por isso vos desconsoléis; porque está escripto «que o rico no seu descanso se encherá de bens; e o pobre á custa do seu proprio sustento trabalhará, e no fim se achará pobre!» (5). Não vos desconsoléis, porque esta terra é um logar de provação, e o reino do céo está reservado para os pobres e desgraçados (6).

Ouvi ainda o que diz o Senhor ao seu povo a este respeito (7) «Guardai os meus sabbados... Eu sou o Senhor. Se andardes nos meus preceitos e guardardes os meus mandados, e tudo isto fizerdes, dar-vos-hei chuvas nos tempos competentes; a terra gerará a sua semente e as arvores carregarão de fructos. A debulha será tão grande que chegará á vindima, e a vindima até á sementeira». E n'outra parte Deus promette, que o trabalho dos dias santificados nunca fará falta; porque o Senhor fará prosperar de tal modo o outro, que supprirá tudo (8).

VII

Não violeis pois, amados Filhos, os dias santificados ao Senhor e lembrai-vos—que não é só por meio do trabalho corporal que deixais de guardar os domingos e dias santos, mas muito mais ainda pelos peccados commettidos n'esses dias; porque nada ha tão desagradavel a Deus como o peccado, e principalmente o peccado commettido no tempo que deve ser todo consagrado ao Senhor (9).

O descanso pois dos domingos e dias santos não seja motivo de dissipardes n'esses dias em bebidas e jogos os lucros de toda a semana, que tanto vos

custaram a ganhar, e que devem servir de sustento a vossa familia; não vos embriagueis jamais, amados Filhos, em tempo algum, mas principalmente nos dias consagrados ao Senhor; porque, se em taes dias nos é prohibido todo o trabalho, é para mais facilmente O servirmos e não para o offendermos. Lembrai-vos—que o vinho em demasia torna o homem igual ao bruto, objecto de escarneo e desprezo, e é causa de dissipardes os poucos meios de vossa infeliz familia, (1) de irritações e iras, que quasi sempre redundão em prejuizo de vossas esposas e filhos, que teem muitas vezes razão de lamentar a sua desgraçada vida.

Sejão pois estes dias consagrados ao Senhor, já pelo descanso e já pelas boas obras que n'elles se pratiquem. Não vos contenteis só em assistir apenas a uma breve missa, e muitas vezes sem attenção nem devoção alguma; mas sim assisti com devoção a todos os officios divinos, á missa parochial, como sois obrigados, á explicação do santo Evangelho e do cathecismo, e a todas as demais solemnidades da vossa parochia; e quando não possa ser com a decencia nos vestidos que é devida a tão augustas solemnidades, ao menos com acieo do corpo, pureza da alma e manciaras respeitadas. Frequentai n'esses dias os santos Sacramentos, aproveitai-vos d'esses thesouros inexauriveis de riquezas espirituas; instrui vossos filhos e familia na doutrina christã e na santa Lei do Senhor; portai-vos finalmente n'estes dias como se estivesseis na presença do throno do Eterno, offuscados de sua magestade e prestando-Lhe a homenagem devida.

E, se uma necessidade urgente vos obrigar, recorrei aos Superiores ecclesiasticos, porque a Lei do Senhor é suave (2) e não tem por fim senão o vosso bem presente e eterno (3), mas não vos atreveis jamais attentar sem a necessaria dispensa contra o dia do Senhor: Nós vol-o pedimos, amados Filhos em N. S. Jesus Christo, pois d'este modo passareis uma vida mais feliz n'esta terra de amargura, e chegareis á patria bemaventurada por um caminho mais suave, onde o Deus das Misericordias permita que nos juntemos por todos os seculos sem fim. O que a todos cordealmente desejamos.

Esta Carta pastoral será lida e explicada pelos Mt.º Rvd.º Parochos e Curas capellães a seus respectivos freguezes em um ou mais domingos ou dias santificados depois de recebida, e, concluida sua leitura, os mesmos Mt.º Rvd.º

(1) Math. V, 3 e seg.
(2) Luc. XVI, 25; Prov. XI, 31.
(3) Math. VI, 19 e 20.
(4) Math. XVI, 26.
(5) Gen. III, 17.
(6) Ps. CXXXVI.

(1) Ps. CXXXVII.
(2) II Cor. IX, 6, Aggeu. I, 9, 10, 11.
(3) Prov. XI, 18.
(4) Ecol. XI, 14.
(5) Ecol. XXXI, 3 e 4.
(6) Luc. XVI, 22; Epist. cath. V, 1 a 8.
(7) Lev. XXVI, 22.
(8) Lev. XXV, 21; Ex. XVI, 29.
(9) C. XVI, Dist. 3.ª de cons. e C. I—X, 2. 9.

(1) Eccles. XXXI, 38.
(2) Math. XI, 30.
(3) Mar. II, 27.

Parochos e Curas capellães abençoarão seus respectivos freguezes em nosso nome, como se presente fossemos; Concedendo Nós a quem a ler ou ouvir com attenção quarenta dias de indulgencias.

Dada em esta nossa Quinta do Immaculado Coração de MARIA, sob nosso signal e sello, aos 2 de Agosto de 1886.

João Maria, Bispo d'Angra.

O Presbytero Manuel Maria da Costa,
Secretario de Sua Ex.ª Rvm.ª

SECÇÃO HISTORICA

Uma pagina da «Historia popular dos Papas» de que se está fazendo 2.ª edição (1)

S. Leão Magno e os Barbaros

Proporção que se vai estudando a historia da Igreja, mais palpaveis se tornam as grandezas e beneficios do papado. O summo pontificado nunca muda: é hoje, como no tempo de S. Pedro; assim como a Igreja catholica é em nossos dias, como o era no tempo dos Apostolos. Mas esta identidade da Igreja e do papado não impede o seu desenvolvimento regular e o seu desabrochar cada vez mais completo, no sentido de se dilatar cada vez mais o imperio da Igreja e de ser mais e melhor comprehendida e reconhecida a divindade da instituição do summo pontificado e de terem os acontecimentos rebustecido cada vez mais o respeito e veneração dos povos para com elle. O symbolo catholico não encerra hoje, senão as verdades do tempo dos Apostolos; a Igreja crê hoje no que acreditará amanhã e creu hontem, no que sempre acreditou; a heresia, porém, tem feito com que ella se tenha visto obrigada a precisar cada vez mais a definição dos dogmas, e a verdade, sendo sempre a mesma, está comtudo mais facil de se conhecer.

O papado, considerado como pedra fundamental da Igreja, tinha de adquirir exteriormente maior importancia, conforme se extendesse o imperio de Jesus Christo e os christãos comprehendessem melhor a necessidade da sua existencia livre e independente, que as-

segurasse a unidade da fé e a independencia da consciencia humana. No seculo quinto, deu um grande passo a realza pontifical, salvaguarda e esteio da independencia espiritual. Os papas tinham conservado nas catacumbas a sua liberdade, mas tiveram de a defender á custa de muito sangue. Logo que os imperadores professaram o christianismo, conheceu-se que a sua fé não protegia a liberdade pontifical; sendo christãos, tentaram governar a Igreja, como haviam governado a religião pagã, e lembraram-se de lhe impôr seus erros, servindo-se para isso de toda a influencia do poder temporal. Vê-se um papa exilado por um imperador christão e a Igreja perturbada pelo arianismo, porque os principes favoreciam esta heresia. Demais, a Igreja fizera já importantes conquistas fóra do imperio, e os estrangeiros não queriam acceitar tudo o que vinha de Roma, porque ella era a cidade do imperador e não do papa. Com tal pretexto o rei da Persia perseguia os christãos; julgava que estes não podiam ser subditos seus por professarem a religião de um estado inimigo da Persia. Cada vez se reconhecia mais, que a independencia temporal seria regular e naturalmente a garantia do primado espiritual, reconhecido sempre na Igreja.

O primeiro passo decisivo para isto foi dado por Constantino Magno, mudando a séde do imperio para Constantinopla, enriquecendo o summo pontificado e collocando-o em tal posição temporal, que, supposto não acceitemos a autenticidade da doação, temos de confessar que principiava assim uma situação completamente nova para o papado, revestido desde então de certo esplendor externo e d'um poder civil, que nunca tinha tido. E este esplendor, este poder, recebia-o precisamente no tempo, em que cessava a perseguição; recebia-o n'uma epocha, em que não pôde accusar-se a Igreja de corrupção; recebia-o com approvação de toda a Igreja, dos concilios, dos doutores e dos veneraveis confessores da fé, que ainda conservavam as cicatrizes das feridas recebidas nos combates com o paganismo. Tem-se, pois, de reconhecer a legitimidade de tão grande bem concedido ao summo pontificado, o qual devemos consideralo apenas como um desenvolvimento natural e regular d'esta divina instituição.

O que o seculo quarto mostrou ser util, o quinto provava ser necessario. Quando desapareceu a unidade do imperio, viu-se mais claramente que a unidade da fé não podia ser naturalmente mantida pela unidade do pontificado e que este carecia de completa independencia para conservar a liberdade e universalidade da sua acção. Nenhuma mudança tinha havido na Igreja;

os papas não adquiriram nenhum novo poder espiritual, mas era indubitavel que tinham cada vez mais necessidade da independencia temporal para o livre exercicio d'aquelle poder. A transferencia do imperio, a devastação dos barbaros, os beneficios do papado, a gratidão dos povos, o abandono dos imperadores, incapazes e muitas vezes sem vontade de protegerem Roma, fizeram o mais, servindo-se Deus, como sempre, dos acontecimentos humanos, para se cumprirem seus eternos designios. Foi assim que o pontificado de S. Leão Magno, collocado no meio do seculo quinto e principio da idade media como pharol luminoso, estabeleceu, podemos dizer-o, a soberania temporal dos papas, ainda que S. Leão não teve em rigor esta soberania; quando, porém, menos o esperava, viu-se elle só no caso de defender Roma contra os barbaros, e exerceu o principal attributo da soberania, que é a protecção de todos os interesses sociaes.

Propomo-nos estudar delidamente, ainda que não tanto como desejavamos, o pontificado d'este grande papa. Depois de esboçarmos rapidamente a historia dos pontifices, que occuparam a cadeira de S. Pedro durante os primeiros tempos do seculo quinto, descreveremos a luta de S. Leão Magno com a corrupção moral, com a heresia e os barbaros; e acabaremos por mostrar a influencia que exerceu em todo o seu seculo, resumindo a historia dos seus primeiros successores.

SECÇÃO CRITICA

Lerias, sr. Joaquim Martins de Carvalho!

II

MÃO ha que ver. O sr. Joaquim continua dando *casca*, mas *casca* de sobreiro vetusto por descortizar ha um seculo. E é verdade.

Os ultimos numeros do seu querido *Conimbricense* apresentam o nosso heroe ao publico gemendo em torturas, mas que gemer, santo Deus! É um *perfeito Jeremias*.

D'aqui a Rilhafolles ha um passo.

E se tal desgraça succede a responsabilidade moral toca, sem duvida, á reacção, cuja terminologia não entra no craneo refratario do sr. Martins nem por faz nem por nefas. A reacção, berra elle, o sr. Martins, tem já seu foco em Coimbra, com succursaes em toda a parte e invade tudo... tudol..

E este *tudo*, porque Joaquim de Carvalho é fundo em distringões mathaphisico-grammaticaes, é que atrapalha a bom atrapallar o nosso homem.

(1) Não só porque é a proposito para a época actual, mas para que nossos leitores conheçam a fórma e estylo em que está escripta esta obra, damos o presente extracto.

E elle tem canastradas de rasões, olé se tem!

Supponha-se por um pouco que o diábete da reacção *empolga* de mistura com o *tudo* o sr. Joaquim de Carvalho e pespega com elle lá para dentro das cavernas lunares, levando a effeito, por tal arte, o sonho scientifico das viagens á lua de Julio Verne. Caramba! é para arripiar os cabellos!

Verne não ficará satisfeito com a sobrepunção, e nós outros embirraremos com a sr.ª reacção pela falta de caridade para com aquelle grande e *insigno* patriarcha das idéas *verdadeiramente* civicas do nosso seculo. Deixem-no, sr.ª reacção!! deixem-no.

O descomunal argonauta da civilização não sympatiza com a educação moral e religiosa? Não religionisem, não moralisem. Façam a vontade a essa titanica espinha dorsal do grande mundo.

O reacção, reacção, para que fazeis ribombar aquella concavidade com tão duras martelladas? Envolvei, ao menos, vossos martellos, em pastas de algodão bem macio, a fim de que sejam mais doces as pancadas sobre aquelle *baixel* da civilização moderna.

Olhae e tomae tento; se vae a pique, tudo está perdido.

Elle o sr. Martins já não sabe para onde se hade virar. Difficilmente o encontram em casa. Elle a fugir da perseguição e a perseguição a seguil-o por toda a parte, sempre... sempre.

Que martyr!

Amerciac-vos d'elle, que ora o vejo ás cabeçadas pelas esquinas da rua do *jesuitismo*, ora pelas do bôcco do *fanatismo*, agora estatelado no largo do *lazarismo*, logo alevantando visceira ao alto a ver se desce idéa luminosa na praça da *Reacção*.

São tormentos de Dedalo. Que Nossa Senhora dos afflictos lhe acuda!...

E para cumulo de sua desdita e do paiz, que tem a paciencia evangelhica de o aturar, vem tambem o *ignorante* do Grande Pontifice Leão XIII com suas torturas sobre o sr. Martins, condemnando a memoria do sr. dr. Damasio.

Que desgraça, por via de tal condemnación, não está a vir sobre Portugal! O Santo Padre não estava em seu *juizo* quando *referendou* tal sentença.

Se o estado se zanga bem zangado com aquellas caturrices ecclesiasticas, adeus, bispos, adeus curas d'almas!! Quem vos ha de sustentar?!

E é verdade!! Martins tem pensamentos d'um perfeito Pythagoras. E Leão XIII é capaz de dar o dicto por não dicto em face do *arrojado conceito* do *Conimbricense*.

Que Solon!...

Não pertence, diz mais o orgão anticivilizador, *não pertence ao estado sanc-*

cionar ou regeitar as doutrinas que se devem ensinar nas escolas?

Esta é de arromba! E' uma theologia nova. Estavamos pelo que vejo em erro. Pensamos bem o contrario. Disse-o mestre, está dicto.

Em verdade s. s.ª deu agora uma valente tacada. Creia que cá lhe marco um tento. Regalo-me, a bom regalar em ver assim o sr. Martins a esgadarnhar pelos degraus ascendentes da theologia e dos canones, que, segundo elle, quando dizem que aos bispos pertence a inspecção das doutrinas religiosas, isso se entende em sentido translato ou figurado (isto é que é saber hermenutica, heim!) o que quer dizer, que ao poder ecclesiastico cumpre insinuar as doutrinas christãs, a quem carecer do ensino.

Aprendeí ó posteros! o novo—*docete omnes gentes!* S. s.ª sabe de veras pegar no laco. Agora deu uma carambola de mestre. Cá lho ficam marcados mais dois tentos.

Pois não! sr. Martins.

E' dar-lhe para baixo; não lhes deixe pôr pé em ramo verde a esses *ignorantes*.

E nós a pensarmos, segundo os principios que nos inculcaram nas escolas nossos sapientissimos mestres, que toda a creatura humana, excepto o Vigario de Christo, fallando ex cathedra, estava sujeito ao erro!

Mas Martins diz, a pés juntos, que não, que não e que não.

Está dicto.

Mettam-se lá com elle, e verão como levam pelas tabaqueiras. Nós pensavamos que, se nos perguntassem, qual mais auctoridade tenham em materia religiosa, se o Summo Pontifice, se uma congregação de sabios, deviamos responder: que o Summo Pontifice. Martins diz que isso era lá no tempo do obscurantismo. Hoje tudo está desempoirado.

As diaphanas luzes dos nossos seculos scintillam em todos e em cada uma das fibras da cabeça mais chata, como os raios brilhantes do sol na zona torrida.

E' assim mesino, sem nada tirar, nem nada pôr. Pois que auctoridade tem a decisão pontificia em face do profundo saber dos sabios?

Nenhuma, absolutamente *nenhuma!* Com que auctoridade o Pontifice colloca no Index dos livros prohibidos uma obra escripta por um funcionario publico de Portugal, que só com Estado portuguez tem de haver-se?

Que *desaforo superlativo* da curia romana! Que *desaforo superlativo!*... O Pontifice e os cardeaes romanos a meterem-se em negocios luzitanos!...

E' boa! E' por isso que a Igreja leva para tabaco. E é bem feito.

E' assim que me *compraz* ver o sr. Martins—*guindado* pelo ultimo ferro da *sciencia transcendente*, nem mais nem menos.

Pois andar cá por baixo revolteando-se no charco do positivismo chulo, repositório do que ha de retrogrado neste e no outro mundo, não é digno d'um Martins de Carvalho, a quem prophetico, ainda em vida, que o seu *Conimbricense* hade servir de texto a quantas universidades e seminarios ha nos mundos conhecidos e por conhecer, e que além da campa se hade erigir-lhe uma estatua de Naluco de puro gesso, fabricada pelo mais qualificado sarracal nas artes. Continue, o sr. Martins na *louvavel* tarefa, que a seu lado me terá sempre como *auxiliar*. E que nosso Senhor o *requiescat in pace*. Amen.

F. L. Rego.

SECÇÃO LITTERARIA

Consolatrix afflictorum

Foi n'um dezembro. O vento sibilava
Lá das bandas do sul, timidamente,
Talvez que receioso d'acordar
Os mansos vegetaes, abruptamente.

A noite desenhára, com seu lapis
Colossal, a mais densa escuridão:
Parecia a planicie transformada
Em uma enorme rima de carvão.

A neve ia deitando ao côradoiro
Da terra grandes peças d'alvo linho;
Jazia a flor, exangue, inteiriçada...
As aves tiritavam no seu ninho.

* * *

Mergulhado na dor mais desabrida,
A mais acerba, a mais dilacerante,
—Uma agonia interior, profunda
Paroxismo cruel d'agonisante—,

Allucinado, em febre, eu caminhava
Ao acaso, na lóbrega explanada,
Embalde a procurar um lenitivo,
Um apoio na treva condensada...

E uma ideia sacrilega, maldita
Ia embalar-me o pensamento... quando
Subitamente a escuridão brilhou,
E eu vi, nos céus, um anjo, trespassando...

Tinha o magico dulçor d'um riso de criança
Oa d'um trinado d'ave o seu formoso olhar,
—Um ceu onde boiava uma tristesa mansa...
A morna lividez das noites de luar—.

Cingia-lhe a cabeça uma grinalda—um arco
Cortado no lençol das brancas madrugadas—,
E as fórmulas lhe vestia um grande véu de nuvem
—Teido singular de dahlias uacaradas—.

Seguia lentamente
N'um riso phadton tirado por estrellas
Que punha atrás de si um sulco resplendente.

E o seu olhar formoso,
Da lividez do céu em noites de luar,
N'uma tristesa mansa...

Poisava, scismadôr, no abysmo silencioso
Em baixo, onde rolava a treva somnolenta,
E a dôr sonhava já um sonho d'esperança,
A minha dôr sombria...

E não mentiu, oh! não, a enferma fantasia!

* * *

A Virgem (quo era Ella a célica visão),
Maria, a mãe de Deus e minha santa mãe
Desceu ao pé de mim, cingiu-me nos braços,
E a minha dôr tornou-se um deleitoso bein.

Beindita seja Ella! O seu amor transmuda
A terra—uma enxovia—em paraiso e céu;
Que vale, pois, a magua, o soffrimento, as lagrimas,
Se... tudo s'esvaece, a um só sorriso seu?

Arcos de Val de Vez.

Manoel Vaz.

A Virgem das Dores

(LEENDA)

I

As auras subtis brincavam-lhe com
as madeixas do loiro e annellado
cabello!

A cabeça graciosa pendia-lhe
inclinada.

E dormia!

Dormia a gentil menina n'um bercinho
polido e dourado: alvas as roupagens
as rendas alvas.

A camelia não era mais branca do que
o seu rostinho angelico, nem do que as
suas faces era mais rubra a roza de cem
folhas.

Dormia o anjo da innocencia; parecia
protegê-la a effigie da Virgem das Dores
collocada em um painel sobre a cabeceira
do berço.

Velava-lhe o somno um cão.

Guarda fiel.

Olhar meigo e limpido, vulto grande
e magestoso.

Era um Terra Nova magnifico!

Mirava a criança sentado junto ao
berço; mirava-a com ternura.

Não era mais firme a sentinella, nem
mais vigilante o guarda do pharol!

Pobre e humilde se via a casinha; o
luxo estava no doirado berço, mas o
accio em todo o aposento.

II

Para buscar á filhinha pão, e flores,
saira a pobre mãe, viuva de um marinhoiro.
O pão repartia-o a pequenina
com o cão; com as flores brincavam
ambos.

Trez annos contava aquelle entesinho
de inexcitaveis encantos; alva como a
açucena, purpurina como a papoila que
flammeja por entre a ceara.

E o cão fiel, vigiando-a, fazia lembrar
ou o pegureiro attentando pelo rebanho,
ou o avaro velando pelo seu thesouro.

III

A serpente inimiga do homem deixava
a lura negra.

E, arrastando-se, e colleando, penetrou
no apozento.

Demorara-se lá fora a mãe; vira aberta
a porta da cathedral, entrara, para
dirigir fêrvida prece á *Virgem das Dores*,
recommendendo-lhe o anjo que dormia
o somno da innocencia!

Eram grandes os desgostos, tristes
os dias, as noites angustiosas, mas em
noite nenhuma a *Virgem* passara sem
fervorosa oração d'aquella mãe religiosa
e crente.

Fosse muita a pressa, instante a
necessidade, jamais a boa mulher
transpozera a testada da sua porta, sem
encommendar á *Mãe Dolorosa* a innocenti-
nha e o seu guarda.

Caisse a torrentes a chuva, fragoso
fosse o caminho, abrazasse o sol; se
aberto era o templo sempre á *Virgem das Dores*
a mãe lembrava o lyrio d'amor e o seu
fiel companheiro...

E a serpente, em mil roscas, colleava
pelo chão da caza.

Ainda nas brancas roupagens do elegante
bercinho dormia o anjo de cabellos de
ouro.

E o cão velava; velava sempre. Não
estaria mais firme o athleta no circo;
nem mais cuidadoso o timoneiro em o
navio.

IV

Resava no templo a mãe, e a imagem
á *Virgem das Dores* suspensa sobre a
cabeceira do berço da filhinha brilhava
emmoldurada em lavrado caixilho, aos
raios do sol.

Caminhou a serpente e o Terra Nova
avistando-a, fitou as orelhas, aflou as
ventas, arregaçou os beiços e mostrou
os dentes.

O reptil arrastando-se sempre aproxima-
se do cão e ao descobri-lo «immediatamente
se forma em espiral, achata a cabeça,
entufa as faces, fraze os beiços peçonhosos,
e escancara á sangrenta voragem das
goelas; florea como bipartida lavareda a
farpada lingua, como ascuas lhe flammejam
os olhos, o corpanzil impando de raiva se
abaixa e alteia como fole de fragua, o coiro
destendido se desluz, enfusca e escana» (A).

Ouviu-se um silvo agudo e a mãe sentiu
n'esse momento um aperto de coação.

Mas ergueu os olhos para a *Virgem das Dores*
e parceu-lhe que a imagem sorria por entre
lagrimas com que o esculptor lhe adornara
as faces macegradadas.

Travaram combate a serpente e o

(1) Genio do Christianismo, traducção do sr. Visconde de Castilho (Antonio).

cão; mas o reptil era possante e nas suas
mil roscas envolvia e apertava o inimigo...

E a menina dormia, tranquilla e serena,
semelhando um anjo de marmore de alto
relevo de antiga cathedral gothica a quem
um Genio sobrenatural animasse e fizesse
arfar suavemente.

Ai d'ella se lhe succumbe o guarda!
ai d'ella se lhe desfallece o defensor!
Não a poupará a serpente...

V

Do painel da *Mãe Dolorosa* descravou-se
uma espada das sete que lhe trespassavam
o coração, e d'elle manou sangue precioso
que um anjo veio receber em urna
diamantina. E a serpente alargou as
roscas e caiu morta estendendo-se pelo
pavimento. Roçara pelo collo do monstro
a espada. E o anjo da guarda da menina,
emquanto o outro anjo desaparecia com a
urna, levava á *Virgem das Dores* a lamina,
já purificada, que salvara a fragil
criancinha!

O cão voltou a sentar-se no seu posto;
brilhava-lhe o olhar aonde parecia reflectir-
se a alegria do vencedor.

A encantadora e louçã criança n'aquelle
momento abriu os olhos lindos como o
azul do ar: o cão agitou as orelhas e a
cauda e fitou a pequenina com ternura e
satisfação.

VI

Quando a santa mulher voltou viu o
monstro horrendo que jazia morto no
solho; ergueu a vista assustada para o
painel da *Virgem* e de novo se lhe
figurou que Ella sorria!...

Ajoelhou a boa mãe, e agradeceu á
protectora de sua filhinha o haver livrado
de tão horrivel morte o idolo da sua alma,
a consolação unica da sua viuvez.

Aflagou o animal e deu-lhe pão.

Beijou a filhinha, e deu-lhe flores.

Curvou de novo os joelhos, ergueu as
mãos e murmurou fervente prece á
Virgem das Dores.

Mariana Xavier da Silva.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

O Anjo da Guarda

ESTEJA amanhã a Egreja os Santos Anjos da Guarda, festa em que tomam, ou devem tomar parte todos os catholicos, porque todos temos o nosso anjo, o nosso guia celeste, o nosso companheiro.

A nossa primeira gravura representa o Anjo da Guarda guiando o seu prote-

gido, uma creança descuidada, que a menor imprudencia pôde desviar do recto caminho. Vede como é formoso o Anjo, com que cuidado guia a creança com uma das mãos, emquanto com outra lhe aponta para o céu! E como é preito todos os dias, que d'elle se esqueça ao deitar, ao levantar, sempre porque sempre elle junto de nós véla? E não só na infancia elle é o nosso guia, o nosso guarda; mas sempre, em todos os tempos, em todas as edades, e tendo mudado o rumo do seu passeio, se encontra com um amigo que o faz esquecer do seu primeiro plano, ou, ao passar junto d'um templo entra n'elle, sem que fosse essa a sua vontade, e, alli, orando, se esquece e volta a casa



UMA SCENA DE BARBARISMO DE HA DEZOITO SECULOS REPETIDA HOJE MUI FREQUENTEMENTE

formosa a creança, caminhando destemida, porque, com os olhos fitos no céu, só de lá espera todas as felicidades, e com essa esperança, crê que a mão do seu anjo o afastará dos perigos. O nosso Anjo da Guarda! Quem ha que o não adore, que lhe não renda

é elle, e só elle, porque é o mensageiro de Deus, que nos livra, que nos defende, quem nos conduz através os enredados caminhos da vida. Quantas vezes o homem sae de casa com um sim pouco digno, que nada se harmonisa com os sentimentos d'um filho da Egreja, e, no caminho, sem elle saber como,

com a alma repleta de santas alegrias, com o coração a trasbordar de felicidade? E porque se dera este facto, porque sem querer não realisou o seu projectado passeio, porque entrando em casa nem d'elle se lembrou? E' porque o seu Anjo da Guarda, aplanando-lhe o caminho do bem, e tornando-o cego pa-

ra o caminho do mal, o conduziu a porto seguro.

O nosso Anjo da Guarda! Não fosse elle, e nós teriamos todos os dias de nos levantarmos d'uma queda, de nos arrependermos de uma má acção, de mal-dizermos muitas horas da nossa vida!

Louvemos ao Senhor que nos deu um Anjo para nossa guarda, e sejamos muito amigos d'esse Anjo para que elle, exercendo junto de nós, na terra, a sua missão divina, nos conduza depois á eterna patria para com elle gozarmos as celestiaes venturas.

II

Uma scena de barbarismo de ha mais de dezoito seculos e repetida hoje mui frequentemente

A nossa segunda gravura representa uma das muitas scenas que os legionarios romanos, ás ordens de Tito, representaram no templo de Jerusalem quando posto a saque. Tudo foi presa d'essa horda rapinacea, ávida de riquezas, e que nem a casa da oração poupara.

Era o barbaro despotismo da força bruta, roubando o templo, despindo-o, não lhe deixando nada que valor tivesse, até que o proprio templo arrasa. Mas o imperio romano cæe ao pezo da Cruz que sobre elle se ergueu; os despotas cezarianos passaram á historia, mas deixaram aos despotas de todos os seculos o ensino do roubo, o modo como se saqueia o templo, e os templos teem sido saqueados, e continuam e continuarão a sel-o, porque os Titos do seculo desenove tambem tem sède de riquezas, tambem ambicionam o patrimonio da Igreja.

Ha cincoenta annos tem-se saqueado cynicamente os templos e prestes verá Guimarães um novo saque. A real collegiada de Nossa Senhora da Oliveira vac ser saqueada pelas legiões do Tito portuguez-maçouico, mas não por legionarios armados de lanças e adagas; mas por legionarios armados de portarias; não por legionarios de saial e capacete, mas por legionarios de cartola e casaca. E será para vêr, um d'esses legionarios, imitando o que na nossa gravura intima a desnudez do templo, mandar que arriem mais um cortinado, que pôde dar dinheiro, mais uma lampada que pôde ser fundida, mais um objecto qualquer de valor, que pôde ir para a casa da moeda.

Ha de ver-se isto em Guimarães, em pleno seculo desenove e á luz da electricidade! Ha de ver-se, para que este seculo não seja só parecido com os seculos dos imperadores romanos, pela corrupção; mas tambem pelo saque.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



ULTRA Irmã Hospitalleira morta! outra dedicação roubada aos infelizes que de dedicações carecem! um anjo mais que deixou de velar á cabeceira dos infelizes!

A Irmã Maria de S. Caetano, não podendo resistir aos estragos de um cancro, que de ha muito a fazia soffrer, desprendeuse d'este mundo de baixezas e humilhações, para voar ao seio do Eterno em procura das recompensas merecidas ao serviço dos desventurados.

No dia 7 do corrente, pelas sete horas da tarde, no convento das Trinas, em Lisboa, soltou o ultimo suspiro esta nossa Irmã, rodeada de todas as suas companheiras, depois de confortada com todos os sacramentos da Igreja, e tendo recebido a Benção do Em.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha.

A Irmã S. Caetano prestou relevantes serviços aos pobres; fôra superiora no hospital de S. Francisco da cidade, em Lisboa, e sempre repetia que não tinha feito nada como Irmã.

Sabemos de pessoa competente, que uma de suas Irmãs que lhe assistira nos ultimos momentos, dissera que invejava uma morte assim! Tinha a alma de um justo, e por isso será no céu medianeira nossa, ella, que na terra soubera exercer a caridade como filha do Santo Patriarcha d'Assis.

De joelhos, leitores, e offertemos fervorosa prece como suffragios pela alma da Irmã Maria de S. Caetano.

Voára tambem ao céu a alma d'um dos mais dedicados amigos do «Progresso Catholico», e que grandes serviços lhe prestára, como propagandista, que d'elle era. David Pires da Conceição, alma grande e toda ao serviço de Deus, deixou esta vida para entrar n'outra melhor, para viver entre os espiritos, que, como o d'elle, não são d'este mundo.

Não nos surprehendera a triste nova, porque d'ha muito a esperavamos. Sabiamos que este nosso amigo soffria ha muito e esperavamos a cada hora a noticia do seu passamento. Chegou afinal!

Em Lisboa, e em Abrantes, um grande numero de leitores que hoje tem o *Progresso Catholico*, a elle se devem, trabalhador incansavel na obra de Deus; não lhe faltaram, por isso, as eternas recompensas.

Tenha Deus, como cremos, sua alma em santa gloria, e offereçam-lhe todos

os nossos amigos as suas orações, são os votos que fazemos, ao orvalhar com lagrimas de saudade a campa que seus restos guarda.

Vestem de luto a ex.^{ma} snr.^a D. Maria do Carmo de Jesus e Souza, pela morte de sua tia; o Rv.^{mo} Snr. Padre Manoel José Leite Pereira de Meirelles, pelo fallecimento de seu tio o Rv.^{mo} Conego Manuel Leite, e o ex.^{mo} snr. Diamantino da Conceição Ramos, pela morte de sua avó.

Dando a todos estes tres amigos do *Progresso Catholico* pesames sentidos pelas perdas soffridas, solicitamos de todos os nossos leitores as costumadas orações, para suffragar as almas dos parentes d'estes nossos amigos.

RETROSPECTO DA QUINZENA

STIVERAM em Guimarães, e honraram-nos com a sua visita, o que devéras agradecemos, os Ill.^{mos} Rv.^{mos} Snrs. Padre José da Silva Leitão, Padre Antonio Gonçalves de Carvalho; as Ex.^{mas} Snr.^{as} D. Maria Amelia Peixoto de Magalhães e Menezes, D. Florinda Lopes Teixeira, todos amigos do *Progresso Catholico* e da causa que elle representa.

Na primeira pagina do presente n.º publicamos duas Pastoraes do Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Snr. Bispo do Funchal, ácerca dos livros—*Vinte e cinco por cento!* do Padre Rademaker, e *O Mez de Outubro consagrado a N. Senhora do Rosario*.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para esses documentos em prol das duas publicações, a todos os respeitos dignas de propagar-se profusamente.

Está mais que provado que os pallhacos indecentes que andam percorrendo as nossas cidades e villas com os Fantoches, são agentes da propaganda protestante, porque sempre que apparece em qualquer parte a nojenta e rotissima exhibição, apparece logo tambem um *sacerdote* de Baccho a explicar a Biblia e um dos mais pelintras, rotos e com caras de quem anda a ganhar dinheiro pelo serviço infame que faz, a espalhar livros protestantes.

Depois da derrota que aqui levaram foram-se para Vianna do Castello—Fantoches, o *sacerdote* bebado, como lhe chama um correspondente d'aquella cidade, e o passador de Biblias falsificadas.

Contra esta praga damninha, que as auctoridades toleram, porque não são frades nem freiras, preveniram-se já os catholicos de Vianna, mandando ir cen-

tenares de livrinhos—*Vinte e cinco por cento!* do Padre Rademaker, para oppor aos embustes e desvergonhas que os milhafres do protestantismo espalham entre o povo. E não só isto é necessário, urge fazer mais, visto que as auctoridades administrativas não cumprem o seu dever, e esse mais é correr os inimigos da nossa religião e das nossas crencas.

Como noticiáramos previamente, realisaram-se as conferencias para homens na igreja da Misericórdia, d'esta cidade, durante oito dias, terminando no dia 2 do corrente com uma imponentissima communhão geral, como imponentissima havia sido a concorrência dos fleis às praticas. Aproveitando tão propicia occasião, instalaram os dignos sacerdotes, que o povo anda ahí a dizer, muito contente, que são jesuitas, a associação de Nossa Senhora da Conceição, que desde logo contou grande numero de associados.

Praza aos céos que tudo bem fortifique.

As conferencias eram só para homens, de noite, mas as senhoras mulheres guardaram-se para no dia 2 de tarde, quando se realisava a reunião mensal das Filhas de Maria, tirar uma desforra digna, apresentando-se em grande numero no templo, enchendo-o completamente, o que não era costume. Deus nosso Senhor faça que os bons padres se não esqueçam de Guimarães, e que o povo de Guimarães se não esqueça d'elles. São os nossos desejos.

Snr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense!* Sejamos francos, e de uma vez para sempre, acabem com esta guerra feita aos jesuitas. Ou elles são uns ignorantões de grande marca, ou os snrs. liberalões são de uma patifaria desmarcada.

As gazetas, sem contar o seu *Conimbricense!* dizem que o Padre Perong, da Companhia de Jesus, celebre astrónomo inglez, fôra condecorado com um titulo honorífico pela Universidade real e incluído, note bem, no numero dos sabios mais illustres de Inglaterra.

Que me diz a isto o snr. Joaquim Martins de Carvalho? Quem são os ignorantos, os membros da Universidade de Inglaterra, ou os anti-jesuiticos portugueses? Será mais sabio o palermismo jornalístico da nossa terra do que uma das mais famosas Universidades da Europa?

Ou o jornalismo anti-jesuitico em Portugal é de um palermismo espan-toso?

Quer outra noticia que mostra a patavinice do *Conimbricense* e de todos os seus? Leia:

Lord Charles Thynve, filho segundo

do marquez de Bath, abjurou o protestantismo, apesar de ser conego protestante, possuir uma grande fortuna e varios beneficios.

Não ter chegado a tempo um convite do padre Guilherme Dias para a chafarica portuense!

Em Jagueiros, do concelho de Felgueiras, fizeram-se pomposas festas ao Deus Menino, que um nosso amigo e amigo do *Progresso Catholico* nos participa que ainda alli se não vira uma festa igual, e que o dia 16 de janeiro hade ficar na lembrança de todos aquelles povos. Missa cantada, acolitada e com a assistencia de oito abbades, sermão pelo Rv.º abbade de S. Vicente de Souza, e depois coros e grupos de creanças, vestidas caprichosamente, offerutando prendas ao Menino; tudo isto alegrava os corações e enlevava os espiritos.

Deve-se ao abbade da freguezia todas estas pompas, pelo que lhe damos aca-lorados parabens, porque n'estes tempos urge que o clero se torne digno e se conserve na estacada em frente do inimigo, quando não de outra maneira, ao menos promovendo o esplendor do culto, que tanto se quer desprestigiar.

Felicitemos cordealmente o nosso valente companheiro bracarense a *Cruz e Espada*, por ter entrado no 6.º anno da sua publicação, e fazemos votos porque muitas vezes lhe dirijamos estas felicitações proprias de verdadeiros amigos.

Outra noticia que damos tambem com prazer.

Consta-nos que por iniciativa do parrocho respectivo se celebrou na igreja Matriz da antiga villa de Carvalho um Sagrado Lausperenne no dia 8 de dezembro ultimo. Antes da exposição se inauguraram na mesma igreja duas lampadas novas, uma ao Sagrado Coração de Jesus, cuja Santa Liga tambem alli se acha estabelecida acerca d'um anno, e outra ao glorioso Patriarcha S. José, ambas excellentes, mas especialmente magnifica a primeira. Por esta occasião o mesmo parrocho offerceu para a imagem de Nossa Senhora duas lindissimas prendas, um véu e anel, que com as lampadas comprara no Porto, para o effeito de assim mais solemnizar o sempre bendito dia da Immaculada Conceição.

Houve de manhã missa solemne com sermão ao Evangelho; e de tarde Terço com Ladainha e tambem sermão.

Com tudo muito se edificou o povo da freguezia e proximidades.

Dizem os jornaes que o Ex.º Sr. Barão do Calvario, catholico ás direitas, de Penafiel, distribuiu 500 reis a cada um dos pobres que a Conferencia de S. Vicente de Paulo, d'aquella cidade,

costuma socorrer. Não é porque nos admire a noticia, por que de ha muito conhecemos os caridosos sentimentos d'este nosso bondoso amigo; mas damos a noticia para servir de exemplo a quem póde fazer o mesmo e o não faz, e para mais uma vez felicitar-mos S. Ex.ª

Reappareceu o nosso collega brasileiro *O Thabor*, que ha tempos estava suspenso. Muito nos congratulamos ao dar uma tal noticia, porque é para nós motivo de regosijo o ter de mencionar o apparecimento ou reaparecimento de qualquer periodico, que, como nós, peleja á sombra da Cruz.

Bem apparecido seja, e que jámais a sua falta sentida seja em terras de Santa Cruz.

Em Ceilão, cidade sob o dominio inglez, fizeram-se festas imponentes á chegada das Irmãs Hospitaleiras franciscanas. Foram acompanhadas da estação do Caminho de ferro, pelo Snr. Bispo, musica, auctoridades e muito povo. As ruas estavam cobertas de alvissima arca, e todas as janellas adamecadas. Entoldavam a passagem das filhas do S. Francisco milhares de bandeiras, festões de verdes e flores, e rodeavam-nas os principaes da cidade.

Dirigiram-se á Cathedral, onde o Snr. Bispo entoou o hymno *Veni Creator*, sendo depois acompanhadas ao convento, onde lhe foi dada a propriedade d'elle, seguindo-se a cerimonia da Benção ao edificio, ás escolas, etc., etc.

Depois d'estas Irmãs já outras pediram ao governo inglez para ir ali fundar um hospital.

Aqui está como lá por fóra se tratam e recebem as Irmãs de Caridade!

Um frade dos menores observantes, das missões da China, narrando o modo como encontrara uma creancinha á porta do templo, e como a baptisara e fizera educar christãmente, diz tambem ao director da *Revue franciscaine* que os chins vão perdendo o barbaro costume de lançar aos rios as creanças recém-nascidas, graças aos meios empregados pelos padres missionarios. Os que se não podem mover pelo amor de paes, movem-se pelo interesse, e como sabem que os padres acolhem todas as creanças e dão aos que as levam 100 *sape-cas*, aproximadamente 100 réis, todos correm a entregal-as aos missionarios, abandonando o costume antigo de as matar.

Ainda que as missões na China não tivessem produzido outro fructo, não era este só bastante para se costear-m as missões?

Ha muito fervor ainda, muita devoção

para com a SS. Virgem, louvores a Deus!

Quatro mulheres piedosas vieram da Hungria em romaria a Lourdes, a pé, sustentando-se a pão e agua, tendo de atravessar mais que uma nação estrangeira, e offerendo á Virgem Immaculada um panno de hombros para a benção do SS. Sacramento.

Já é ter fé! Já é possuir em grande dose a devoção para com Aquella que é mãe de todos nós!

A Virgem SS. recompense tantos sacrificios, e faça chover suas graças sobre todos nós.

Não é uma cousa bonita, formosa, esplendida, o quadro que o socialismo vae distendendo diante do seculo dezenove? Não estão bem pagos os apóstolos da falsa liberdade, que prégam a anarchia nos jornaes, nos livros; que a ensinam nos theatros, nos cafés, por toda a parte?

Ora leia-se o seguinte telegramma, e pasme-se de tão saborosos fructos que vae dando a liberdade sem Deus:

«Londres, 10.—Os operarios da fabrica de Viazniki, provincia de Moscow, atacaram a fabrica, onde trabalhavam.

Depois de a invadir, saquearam as officinas e as habitações dos administradores, engenheiros e empregados, destruindo tudo.

Os operarios, na sua maior parte embriagados, trataram logo de incendiar os edificios.

Durante toda a noite, continuaram as scenas de horror e de violencia.

Os directores e capatazes foram maltratados, feridos e arrastados, até ficarem quasi mortos.

Duvida-se que escapem.

Os operarios ficaram senhores absolutos da fabrica e suas dependencias, até que, prevenido o sub-governador de Waldimir, chegou com forças do exercito, fazendo dispersar os operarios e prendendo alguns d'elles.»

Bravo! Continuem que a plateia gosta.

O *Primeiro de Janeiro*, jornal das ruas e que tem por grande felicidade achar a noticia d'um suicidio, d'um roubo, etc., etc. para entreter os que podem dispensar 10 réis diariamente, dava ha dias a noticia de que na Guarda, uma menina de 18 annos, se suicidara, lançando-se a um poço, d'onde foi tirado o seu cadaver.

Não sabemos se esta noticia entristecera a alma do noticiario do *Primeiro de Janeiro*, como entristecera a nossa; o que sabemos é que o *dito* não deu noticia do que motivara uma tal fatalidade. Se a joven suicida, em vez de se lançar a um poço, fosse, em meio:

de algum desgosto, pedir guarida á porta d'algunha casa onde vivem Irmãs de Caridade, e, desgostosa do mundo, se cobrisse com o habito da penitencia; que herraria não havia de fazer o «Primeiro de Janeiro», e todos os da mesma escola! Seriam accusados os jesuitas de seductores, de infiltrarem no coração da joven idéas anti-sociaes, e pedir-se-hia a observação das leis do mala-grades, porque uma senhora foi pedir a touca de Irmã de Caridade, e cingir-se com o cordão do pobre d'Assis!

As tres irmãs que a suicida deixara, seriam pretexto para novas lamentações; mas como se lançou a um poço, que importa uma mulher de menos, quando não ha uma religiosa de mais?

Então não é digno de imitar-se o que praticam as damas do grande mundo de Paris. Não é bem melhor, mais agradável a Deus e aos homens essa sympathica diversão, do que andar por bailes, theatros, etc., etc. Leiam todas as nossas leitoras, e façam como as parisienses:

«Entre as damas aristocraticas do *faubourg Saint-Germain* de Paris, principia a diffundir-se uma moda muito louvavel: a de converter as salas em officina de trabalho para os pobres.

Duas ou tres vezes por semana reúnem-se as amigas, ora n'uma, ora n'outra casa, e em um serão de algumas horas dedicam-se a trabalhar para os pobres, saindo d'aquellas aristocraticas salas toda a especie de roupa, desde os pannos para agasalhar creanças até as saias e camisolas de baeta de lã para as mães necessitadas.

As obras estão cortadas em uma grande *corbeille*; cada senhora, ao chegar, pega na obra que mais lhe agrada e fórma circulo com as suas amigas.

Ao mesmo tempo que trabalham, vão fallando d'essas mil cousas que entreteem as senhoras quando se reúnem, e o que mais é, cumprem aquelle formoso preceito das obras de misericordia que aconselha a vestir os nós.»

A ver se a moda pega...

J. de Freitas.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Uma visita a Lourdes

PUBLICOU-SE nos fins do anno passado, no Porto, um interessante opusculo, ácerca do qual não posso furtar-me ao desejo de dizer breves phrases; e se ha mais tempo o não fiz, é porque trabalhos inadiáveis m'o impediram.

E' o livro de que fallo devido á brilhante penna do snr. conde de Samodães, e tem por titulo completo: *UMA VISITA A LOURDES, a cidade da Immaculada Conceição, no mez de setembro de 1886—narração de um romeiro.*

Profundamente catholico e devotissimo da Virgem SS. como sou, dois ardentissimos desejos me abrazam a alma: ir a Roma orar junto do tumulto dos Apóstolos e sollicitar a benção do Vigario de Christo; ir a Lourdes orar na gruta da Immaculada e pedir a benção da Rainha dos Anjos. E como já agora na minha idade e posição provavelmente morrerei com estes desejos não satisfeitos, delicio-me com santa inveja lendo as narrações d'aquelles que tiveram a ventura de realisal-os.

Foi o que me succedeu com o bello opusculo do snr. conde de Samodães: lendo-o, acompanhei em espirito o feliz romeiro na sua pia e formosa peregrinação, e, se me não foi dado experimentar com a mesma intensidade que s. exc.^a as suas profundas sensações, nem por isso a narração d'ellas deixou de commover-me ou entusiasmar-me.

Não trata o livro exclusivamente da romagem: espraia-se por assumptos diversos e todos interessantes, que veem a proposito, e por vezes faz considerações cheias de nobre insinuação ou de pungente ironia sobre o liberalismo intolerante de Portugal, que entende que a liberdade consiste na maxima impiedade e até na mais grosseira má-creação. O modo como em Portugal, e especialmente nas duas principaes cidades, se tratam as pessoas e coisas religiosas, por parte dos que pretendem ser a flôr e a nata do liberalismo, envergonharia não só a França republicana, senão a propria Turquia musulmana!

Uma ou outra phrase escapou ao illustre escriptor que desagradou a alguns espiritos mais susceptiveis, ou porque a julgassem allusão intencional a um partido desgraçado mas firmemente catholico, ou porque a considerassem menos justa na sua applicação: crêmos porém que da parte do distincto auctor da *Visita a Lourdes* não houve proposito, mas simplesmente um lapso de penna justificado pela precipitação do escripto.

Em quanto ao mais, se não estivesse já feita a reputação do snr. conde de Samodães como notavel escriptor e como publicista catholico, o opusculo de que venho fallando lh'a cimentaria solidamente, na minha desauthorisada opinião.

Creio-o dignissimo de lêr-se, por isso uso recommendal-o a quem aprecie leitura sã e instructiva.

A. Moreira Bello.